

A. A. V. V., **Familles et contextes sociaux — Les espaces et les temps de la diversité**, actes du colloque de Lisbonne (10-12 avril 1991), Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Lisboa, 1992.

Foram recentemente publicadas as actas do colóquio «Famílias e contextos sociais: os espaços e os tempos da diversidade», organizado em Abril de 1991 pelo Grupo de Estudos de Sociologia da Família (GREF), em Lisboa, e que contou com a adesão do Comité de Recherche Famille da Associação Internacional de Sociólogos de Língua Francesa.

O colóquio trouxe a Portugal alguns dos mais conhecidos investigadores de língua francesa em sociologia da família, que, em conjunto com cientistas sociais portugueses que mais têm trabalhado neste campo, protagonizaram um espaço de debate de perspectivas teóricas e metodológicas e intercâmbio de resultados de investigações.

Este volume resultante do colóquio reúne um importante conjunto de comunicações, abrangendo uma diversidade de temas e de abordagens metodológicas e teóricas, que reflectem algumas das principais preocupações da sociologia da família contemporânea, como sejam:

— Modelos familiares, construídos a partir de indicadores demográficos, em difusão, consolidação ou diluição na Europa Ocidental (comunicação de L. Roussel);

- A questão do divórcio, suas diferentes vivências e naturezas (comunicação de Anália Torres), e da recomposição familiar (por exemplo, as relações entre membros de famílias «recompostas» — um tema cada vez mais premente, dado o crescimento da taxa de divórcio — e a definição dos novos papéis de «padrasto» ou «madrasta») (comunicações de C. Villeneuve-Gokalp e de D. Le Gall);
- As relações intergeracionais (em termos de processos de socialização das crianças, estilos educativos adoptados pelos pais, relações entre avós e netos, diversidade de papéis de «avó» e «avô») (comunicações de J. Kellerhals *et al.*, B. Bawin-Legros e Anne Gauthier);
- A relação entre estruturas familiares, estruturas dos mercados de trabalho e trabalho profissional feminino (comunicação de M.-A. Barrère-Maurisson e O. Marchand);
- O debate entre, por um lado, uma análise privilegiando a relação entre formas familiares e classes sociais, com comunicações abordando, nomeadamente, o problema da «desconstrução» de categorias sociológicas, como a de «família operária», de «família rural/camponesa» ou de «família de empresários», devido à constatação da existência de uma pluralidade de formas familiares num determinado

meio social — o meio «operário» ou o meio «rural» —, que podem corresponder a valores e práticas diversos, consoante a pertença a diferentes classes sociais ou fracções de classe (comunicações de K. Wall, A. N. Almeida e M. Doras Guerreiro), e, por outro lado, uma perspectiva que sublinha a «autonomia» da sociologia da família em relação à sociologia das classes sociais, privilegiando a análise das interacções familiares e da realidade familiar, nomeadamente enquanto espaço de construção das identidades individuais (comunicação de F. de Singly);

- Questões metodológicas, como as que se apresentam em «genealogias familiares e histórias de família» (comunicações de D. Bertaux e de M. Lopéz), ou questões de natureza mais teórica, como a importância dos fenómenos de interacção, quer como unidades de observação (observação e análise intensiva de uma diversidade de «episódios de interacção» que produzem e reproduzem a vida familiar — comunicação de Arriscado Nunes), ou como perspectiva analítica a privilegiar (comunicações de Arriscado Nunes e F. de Singly);

Foram ainda abordados muitos outros temas (por exemplo, as alterações no significado e conteúdo dos rituais do casamento em Fran-

ça, os projectos familiares e profissionais de futuro dos jovens adultos, o estatuto das mulheres na família, em função dos bens que elas recebem — dotes, etc. — ou dos «saberes» — «cadastral» e «técnico» — que possuem), que tornam este volume um útil instrumento de trabalho, principalmente pelos resultados que apresenta de investigações realizadas em Portugal e em outros países e pelas pistas que sugere para futuras investigações a realizar em Portugal na área da sociologia da família.

Gostaríamos de ver abordados em futuros acontecimentos deste tipo temas como as práticas e significados do namoro e a escolha dos cônjuges, o curso de vida familiar, a influência das práticas familiares na inserção e relação das mulheres com o mercado de trabalho profissional, ou, por outro lado, questões mais genéricas, como, por exemplo, as funções actuais da família nas sociedades de «economia pós-industrial de abundância» e sua relação com a alteração de funções do «Estado-Providência» (nomeadamente no que respeita ao investimento na educação dos filhos e à redistribuição do rendimento global).

Como apreciação global, saúda-se a publicação desta obra, que é bem-vinda quer para os estudantes de ciências sociais com interesse no domínio da sociologia da família, quer para os profissionais da investigação nesta área.

PAULO ANTUNES FERREIRA

Raúl Iturra, Fugirás à Escola para Trabalhar a Terra. Ensaio de Antropologia Social sobre o Insucesso Escolar, Lisboa, Escher, 1990, 142 páginas.

Trata-se de uma obra dedicada a aprofundar a natureza do confronto entre o saber local, camponês, e o saber escolar, localmente presente. Os textos que a compõem, ensaios e conferências, correspondem a uma reflexão teórica baseada num trabalho de campo de dois anos realizado pelo autor e uma equipa de investigadores por ele dirigida na aldeia de Vila Ruiva, concelho de Nelas. Outros elementos para a reflexão foram as numerosas discussões levadas a cabo pelos membros da equipa, em várias localidades do país, com professores dos ensinos primário e secundário. O livro insere-se numa colecção cujos outros títulos, alguns já publicados, são outros tantos desenvolvimentos do mesmo tema central.

O pressuposto de base da abordagem do autor é o de que todo o grupo humano necessita de transmitir, sob pena de perecer, se não o fizer, e na altura apropriada do ciclo de vida dos seus membros, os saberes a partir dos quais a vida do grupo se reproduz continuamente no tempo. No caso da aldeia estudada, a transmissão dos saberes é solidária de uma forte componente de reprodução social, porque fundamentalmente orientada para a apropriação e a boa utilização de técnicas de trabalho agrícola que não têm sofrido grandes alterações de pais para filhos. Perpetua-se

assim uma cultura local dotada de grande homogeneidade e consistência.

Vejamos algumas características basilares desta cultura. A sua transmissão é oral, portanto indissociável das relações pessoais, necessariamente tingidas de grande afectividade, entre adultos e crianças. Por outro lado, é totalmente baseada num certo tipo de experiência, feita de evidências imediatas, que não necessitam de procedimentos complicados para serem demonstradas. Não se trata de um saber experimental no sentido de incluir uma forte componente hipotético-dedutiva, que lida com «factos que se vêem e outros que derivam de uma teoria»: «é o resultado à frente dos olhos, o que convence, e não o debate hipotético» (p. 67). As aprendizagens das crianças têm aqui lugar numa base sensorial e afectiva. Aprende-se o que pode ser visto, o que pode ser manipulado, o que é ouvido, e são sempre «outros significativos» (o autor não utiliza o termo, mas ele parece-nos apropriado no quadro da sua análise) a fazer as demonstrações e a enunciar os preceitos e as recomendações, no quadro de relações sociais marcadas pelas obrigações de solidariedade e por um forte sentimento de grupo. Por fim, a cultura local reconhece e consagra nas representações e nas práticas as diferenças de capacidades entre os indivíduos, por exemplo, através da divisão do trabalho dentro do grupo doméstico.

Como componente da cultura envolvente, o saber letrado, pelo contrário, na medida em que é um

suporte do Estado-nação, não perfilha aquela noção das diferenças, mas a de cidadão, igual perante os outros cidadãos, noção na qual «procura ou baseia a reprodução social» (p. 47). Por outro lado, a escrita despersonaliza o saber, como outra face do avanço e acumulação efectivos de saber que permite. A escrita é o suporte de um saber fundado na explicação do que existe, no desmontar dos seus factores constituintes, graças a procedimentos experimentais. O saber letrado está também estreitamente associado ao cálculo económico e ao triunfo dos valores utilitaristas. Além de ser impessoal, o saber letrado é, como saber nacional, descontextualizado. Daí a importância da gramática nos seus enunciados, cuja ordem unifica, fixando o valor das palavras. Quanto à matemática, é óbvia a sua relação com o cálculo económico. E a escola, veículo do saber letrado, pela competição que promove, individualiza e rompe com as solidariedades grupais, rompe com um universo onde cada qual ocupa uma posição bem definida, para lhe sugerir uma pluralidade de possibilidades. Porque do confronto entre os dois saberes, localmente realizado através da escola primária, resulta que o «insucesso escolar», quando acontece, pode ser considerado como um sucesso do saber oral, que soube resistir às imposições do outro... Fugiu-se da terra para ir à escola e acaba então por se fugir desta para ficar na terra. Os pais não entendem este fenómeno do insucesso. Ou seja, acrescentaríamos por nossa parte, a cultura oral não

possui os instrumentos para pensar a sua subordinação e *a fortiori* para formular e fazer vingar os seus interesses próprios no quadro da transmissão cultural. É a cultura escrita que o pode fazer — como o provam abundantemente os próprios desenvolvimentos de Raúl Iturra. É esta, sem dúvida, uma das razões pelas quais o autor confirma claramente a desejabilidade do acesso ao saber letrado. E, embora afirme que fica para outra obra um enunciado de métodos para favorecer tal acesso aos filhos dos camponeses, não deixa de avançar algumas sugestões nesse sentido. Essencialmente: deixar circular os afectos no processo de aprendizagem; incluir no pensamento escrito as formas culturais locais; criar situações em que os textos explicados pelo professor tenham por contraponto textos elaborados pelos alunos a partir dos quais cada um possa discutir de igual para igual com o professor, para se treinar «na contextualização teórica do seu texto» (p. 82). Nestas propostas parece-nos haver uma mesma lógica orientadora: não ignorar os elementos da cultura local, como o faz tradicionalmente a escola, para que as crianças não experimentem conflituamente o confronto das culturas, e integrar activamente esses elementos nas aprendizagens letradas.

Este ponto sugere-nos algumas questões. A natureza da sistematização do autor, inspirada por Vila Ruiva e por toda uma competência profissional teórica, acentua deliberadamente os traços próprios da cultura camponesa. Não obstante a forte consistência da cultura local

assim sugerida, há necessariamente *emprunts* à cultura envolvente. Se é assim, era interessante saber quais são, como são apropriados e localmente restituídos elementos da cultura envolvente, e de entre eles os que têm ou podem ter incidência directa ou indirecta nas aprendizagens das crianças. Os habitantes das colectividades camponesas como Vila Ruiva têm uma certa forma de conhecimento de outros universos sociais. Basta pensar nos efeitos dos *media*, que já têm lugar entre nós há décadas, em primeiro lugar a televisão, claro está. Sem falar na emigração e nas migrações internas, que veiculam igualmente testemunhos de outras realidades e de outras relações com a realidade. O próprio insucesso escolar deve ser relativizado: se o confronto entre as culturas fosse tão radical, como pode ficar sugerido pela necessidade de evidenciar os traços próprios de ambas, a sua frequência seria ainda mais elevada. Nesse sentido, os filhos de camponeses bem sucedidos escolarmente podem fornecer tantos ensinamentos como os não sucedidos ... Por outras palavras e em termos preceituais: não se trataria apenas de utilizar elementos da cultura local para as

aprendizagens escolares, mas igualmente elementos próximos da própria cultura escolar já apropriados localmente. Por outro lado, há elementos da cultura produzida localmente que podem estar mais próximos de elementos de cultura letrada. Há, por exemplo, certamente formas de experimentação rudimentar ligadas ao trabalho agrícola que podem servir de meio de acesso a uma experimentação mais elaborada e à própria ideia de experimentação como método.

É nossa convicção, aliás, que estas considerações correm o risco de serem supérfluas. A obra em análise é apenas um elo de uma cadeia prometedora e só perante o todo terá pertinência este tipo de reflexão. Reflexão já realizada certamente pelo autor e pela equipa exemplar que integra, cujo trabalho nos causa uma sincera admiração. Pela qualidade deste seu resultado, por ser raro entre nós um autêntico trabalho de equipa como este, onde perpassa o brio e o entusiasmo e onde, tal como entre os camponeses, cada um pode verdadeiramente aprender com os outros.

SÉRGIO GRÁCIO